



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

GUSTAVO ANTÔNIO DE ARAÚJO LEMOS

**A PRESENÇA MASCULINA NA PROFISSÃO DOCENTE:
Desafios, perspectivas e o papel da gestão escolar.**

Brasília
2025

GUSTAVO ANTÔNIO DE ARAÚJO LEMOS

**A PRESENÇA MASCULINA NA PROFISSÃO DOCENTE:
Desafios, perspectivas e o papel da gestão escolar.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do título de
Pedagogo(a)

**Orientadora: Prof^a Dra. Cândida Beatriz
Alves**

Brasília
2025

**A PRESENÇA MASCULINA NA PROFISSÃO DOCENTE:
Desafios, perspectivas e o papel da gestão escolar.**

Gustavo Antônio de Araújo Lemos

Trabalho Final de Curso apresentado à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof.a Cândia Beatriz Alves.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dra. Cândia Beatriz Alves (Orientadora)

Faculdade de Educação - FE/UnB

Prof. Dr. Wanderson Barbosa dos Santos

Faculdade de Educação - FE/UnB

Prof^a Dra. Simone Aparecida Lisniowski

Faculdade de Educação - FE/UnB

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão que existe dentro de mim por ter conseguido chegar até aqui é algo inexplicável. Acredito que com palavras não conseguirei agradecer a todas as pessoas que se fizeram importantes para mim durante esse percurso na graduação.

Agradeço primeiramente a minha mãe, sem ela nada eu conseguiria. Minha mãe é minha base, com muito esforço conseguiu fazer com que eu chegasse até o final da graduação sem deixar-me faltar nada. Sem o apoio que possuo dentro de casa, não teria passado do segundo semestre. Mãe, eu consegui!

Agradeço a minha avó, por fazer parte da minha rede de apoio. Eu sei do orgulho que você sente e isso é gratificante. Pode ter certeza que o que você não fez pela minha mãe, você fez por mim.

Aos meus amigos de infância, Thaynã e José, minha eterna gratidão. Agradeço por compartilharem comigo todas as etapas da minha vida. Agradeço por toda ajuda prestada quando precisei. Vocês são uma parte muito especial da minha vida e ocupam um lugar reservado no meu coração. Eu amo vocês.

As minhas parceiras de graduação, Luana e Kamila, agradeço por terem se tornado grandes amigas. Vocês não sabem, mas vocês são um dos motivos por eu chegar até aqui. Sem vocês eu não teria aguentado o peso da faculdade. Agradeço por isso e pela amizade de vocês.

Ao professor Wanderson, por ter aceitado ser meu orientador no início do trabalho. A sua orientação foi fundamental na construção de todo o trabalho. Agradeço, também, pela indicação de uma orientadora incrível para conclusão do artigo.

A professora Cândida, por ter aceitado seguir com a minha orientação. A sua dedicação e envolvimento com o trabalho foram muito importantes, assim como as suas falas motivadoras que muito me tranquilizaram.

A banca examinadora, pela disponibilidade para avaliarem o meu trabalho. Essa contribuição marca o início de uma linda trajetória.

MEMORIAL

Neste memorial farei uma breve apresentação de quem é o Gustavo, minhas experiências de vida, assim como os motivos que me fizeram estar cursando atualmente o nono semestre do curso de Pedagogia. Me chamo Gustavo Antônio de Araújo Lemos, tenho 22 anos e sou estudante de pedagogia pela Universidade de Brasília. Durante a minha graduação passei por diversos desafios que, por vezes, me fizeram questionar-me sobre a desistência. Escrevo este memorial em ordem cronológica, para entendermos o contexto do que me trouxe e o que me fez permanecer até hoje no curso de pedagogia.

Durante a minha época de escola, sempre fui considerado pelas (os) professoras (es) como o aluno que é muito bom, mas conversa demais. Dessa forma, enfatizo com orgulho que sempre fui um aluno muito bom, apesar de conversar demais, como as professoras diziam. Nos anos iniciais da educação básica sempre fui o aluno que tirava notas boas, sempre participava das atividades sem dar problemas para as professoras e atendia os comandos. Acredito que, devido a isso, sempre fui considerado como um bom aluno, pois, nessa fase da educação, meus pais não recebiam reclamações a meu respeito nas reuniões de pais e mestres. Levando em consideração que esses eram os aspectos analisados para definir o que era um bom aluno, para os meus pais sempre fui visto como um ótimo aluno.

Além disso, no ensino fundamental 1 eu me envolvia em todos os projetos que eram propostos pelos professores de uma forma muito participativa e muito proativa. Lembro-me de uma professora dessa etapa que marcou muito a minha vida, tanto que falarei dela agora e, mais para frente, citarei a mesma professora, pois ela teve um papel muito importante na minha vida para que hoje eu esteja me formando no curso de pedagogia. O nome dessa professora é Gisele, ela e o marido eram professores na mesma escola, a Escola Classe 03 do Paranoá. São os únicos professores que me lembro dessa época, pois são dois professores que marcaram muito a minha vida, ambos de formas completamente diferentes.

A professora Gisele foi vista por mim, durante muito tempo, como a melhor professora que tive. Logo, até hoje tenho um carinho muito grande por ela, por ter sido tão boa comigo durante esse período. Não consigo citar exatamente os motivos

pelos quais essa professora foi tão importante para mim, pois a memória já me falha um pouco, Além disso, eu era muito pequeno na época e não entendia meus sentimentos da forma que entendo hoje. Dessa forma, penso ser um pouco difícil discorrer sobre o meu real sentimento por ela naquela época. No entanto, lembro-me que, quando criança, eu necessitava muito de atenção, por isso a professora me descrevia como o ótimo aluno que conversava demais. Assim, a professora Gisele, para mim, era vista como a única professora dessa etapa que conseguia desenvolver uma relação de afetividade com os alunos. Ela era o tipo de professora que eu tinha um carinho muito grande, eu gostava de conversar sobre qualquer tipo de assunto aleatório, sendo que ela sempre foi muito atenciosa.

Acredito que esse é o fator principal pelo qual tenho um carinho enorme por ela até hoje, pois diferente das outras professoras, ela tinha uma relação muito bonita com os alunos. Em contrapartida, lembro-me que o marido dela era completamente o contrário. Ele passava uma figura de autoridade na sala de aula, onde demonstrava que não podíamos ter liberdade para conversar com ele sobre algo que nos incomodava ou algo do tipo. Dessa forma, os dois foram figuras muito divergentes que marcaram a minha infância de forma muito diferente e que influenciaram na forma como eu me vejo atuando futuramente como professor, pois são as referências de educadores que tenho dessa época da educação básica, que é a etapa que pretendo atuar quando eu me formar no curso. Dando continuidade, dentro de uma ordem cronológica, discorro sobre a etapa do ensino fundamental 2, pois foi uma etapa um pouco conturbada na minha vida escolar.

Acredito que essa etapa da vida escolar em todo estudante é um pouco difícil, principalmente nos primeiros anos, por se tratar de uma transição escolar. Dessa forma, é preciso se acostumar com uma nova escola, com novos colegas de turma, assim como é preciso se acostumar com um novo modelo de educação. Logo, saímos de uma escola onde temos uma única professora para todas as matérias, que acompanha a turma o ano todo, para uma escola onde temos um professor para cada matéria. Acredito que seja um pouco mais difícil criar vínculos com os professores a partir do ensino fundamental 2. Sendo assim, durante essa fase da minha vida escolar, não me recordo de nenhum professor que tenha me marcado de uma forma muito positiva, que eu tenha levado para a vida. Entretanto, teve um

professor de matemática que me marcou bastante, por sempre ter desacreditado da minha capacidade, mesmo depois de eu comprovar que eu era capaz.

Ademais, como lembrança positiva, lembro-me da orientadora educacional que trabalhava na escola, ela me marcou de uma forma muito positiva, sendo outra pessoa que tenho um carinho muito grande até hoje. Me lembro de que esperava ansiosamente pelo intervalo, pois todo intervalo era o momento que eu ia para a sala dela conversar. Nunca fui direcionado por algum professor ou gestor a conversar com a orientadora por algum motivo específico. No entanto, ela sempre me recebia muito aberta na sua sala para conversar. Passei um bom tempo indo todos os dias conversar com ela sobre assuntos diversos. Essa orientadora tem a minha eterna gratidão, por ter me ajudado muitas vezes em assuntos pessoais, assim como em dificuldades relacionadas à escola.

Para concluir a parte da educação básica na minha vida, entro na fase do ensino médio. Não tenho nada de muito marcante para falar sobre essa fase, no entanto ela é muito importante para entender o motivo de eu estar me formando no curso de Pedagogia. Resumidamente, eu passei o meu ensino médio de uma forma muito cansativa, pois estudava no turno da manhã e trabalhava no turno da tarde. Dessa forma, o meu foco desde o primeiro ano do Ensino Médio sempre foi passar no vestibular, mesmo sem ter um curso em mente. Assim, ao chegar no terceiro ano, na fase de escolha do curso, entrei em um embate muito grande, pois não eu não sabia se teria nota para passar em algum curso da área da saúde, que era minha pretensão. Dessa forma, direcionei, de forma estratégica, minha nota do PAS para o curso de pedagogia. Ao fazer isso, a primeira coisa que fiz foi ir atrás da professora Gisele, que ainda trabalhava na Escola Classe 03, onde me deu aula. Conte para ela que estava tentando entrar para o curso de pedagogia na Universidade de Brasília e pedi conselhos. Ela me explicou sobre como a profissão era desvalorizada, mas que era uma profissão linda. Além disso, me aconselhou a iniciar o curso, ver se eu me identificava e, se caso precisasse, trancasse o curso e começasse outro. Segui os conselhos dela e iniciei o curso, após ter passado na primeira chamada do vestibular.

Para finalizar este memorial, entro no meu momento de graduação em pedagogia pela Universidade de Brasília. O que posso dizer é que passei por alguns desafios durante a minha graduação, por ser homem em um curso composto

majoritariamente por mulheres. Dessa forma, no início da graduação, eu era um dos poucos homens que tinha nas turmas. Além disso, tive muita dificuldade em conseguir um estágio na área, pois as instituições de ensino optaram por contratar prioritariamente mulheres. Isso acontece pelo fato da pedagogia ser vista como uma profissão feminina, assim, a profissão é associada ao trabalho do cuidado, por se tratar de uma área profissional que lida com crianças. Devido a isso, há uma problemática muito grande em torno dos homens que optam por seguir essa carreira. Assim, tive muita dificuldade em conseguir um estágio, sendo esse um dos motivos pelos quais pensei em desistir do curso. Ademais, durante as experiências profissionais que tive na área, percebi que há muita repressão em cima dos profissionais do sexo masculino que atuam com crianças. Dessa forma, durante as minhas experiências, houve reclamações de pais, recomendações absurdas de equipe gestora, entre outras.

Diante de tudo que foi falado, enfatizo que o curso de pedagogia não era nem uma opção de curso que passava pela minha cabeça na época do vestibular, além de que não tenho nenhum profissional da área na minha família. Ademais, os desafios para mim, que sou homem em um curso feminizado, são motivos suficientes para cogitar a desistência de atuar na área. Sendo assim, finalizo este memorial dizendo que o maior motivo pelo qual decidi permanecer no curso, foram os próprios alunos que tive contato durante minhas experiências, pois perceber a relação de confiança que consegui estabelecer com muitos deles é gratificante. Gostaria de encontrar com a professora Gisele e poder contar para ela sobre a minha trajetória até o momento, acredito que ela iria se orgulhar.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, como Trabalho Final de Curso e teve como objetivo analisar criticamente a visão que se perpetua na sociedade sobre a profissão docente no Brasil, considerando, em especial, a realidade dos homens pedagogos, assim como analisar de forma aprofundada como a gestão escolar pode contribuir para a superação desse desafio enfrentado pelos pedagogos, investigando as estratégias adotadas pelos gestores e seu impacto na atuação profissional dos educadores. A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, onde foram realizadas duas entrevistas com dois pedagogos de uma escola privada. Ademais, foi realizada uma pesquisa bibliográfica prévia, que possibilitou relacionar as informações obtidas por meio das entrevistas com o que os autores falam sobre o assunto. Os resultados evidenciam impactos negativos na vida dos profissionais homens na área da docência, em decorrência da visão estereotipada que se perpetua na sociedade sobre os homens professores, deixando explícito a visão da profissão docente como feminina. Entretanto, a pesquisa evidenciou impactos positivos, a partir da postura adotada pela gestão escolar no que se refere à presença masculina no ambiente escolar.

Palavras-chave: feminização da profissão docente; gestão escolar; homens na docência.

MALE PRESENCE IN THE TEACHING PROFESSION: CHALLENGES, PERSPECTIVES AND THE ROLE OF SCHOOL MANAGEMENT

ABSTRACT

This research was developed in the Pedagogy course at the University of Brasília as the Final Course Project. Its objective was to critically analyze the perception that persists in society regarding the teaching profession in Brazil, with a particular focus on the reality of male educators. Additionally, it aimed to examine in-depth how school management can contribute to overcoming the challenges faced by male pedagogues, investigating the strategies adopted by school leaders and their impact on the professional practice of educators. The research was conducted through a qualitative approach, which involved two interviews with male pedagogues from a private school. Furthermore, a preliminary bibliographic survey was conducted, which allowed for correlating the information obtained through the interviews with what authors discuss on the subject. The results highlight the negative impacts on the lives of male professionals in teaching, due to the stereotypical view that persists in society about male teachers, making explicit the perception of the teaching profession as feminine. However, the research also revealed positive impacts, stemming from the approach adopted by school management regarding the presence of men in the school environment.

Keywords: Feminization of the teaching profession, School management, Men in teaching

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 2 METODOLOGIA..... | 16 |
| 3 REVISÃO DE LITERATURA..... | 19 |
| 3.1 Feminização da pedagogia..... | 19 |
| 3.2 Educar e cuidar, trabalho feminino?..... | 21 |
| 3.3 A presença de homens na educação Brasileira..... | 23 |
| 3.4 A Gestão escolar..... | 26 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES..... | 28 |
| 4.1 Relação com os familiares..... | 28 |
| 4.2 Estereótipos impostos pela sociedade..... | 29 |
| 4.3 Papel da gestão..... | 32 |
| 4.3.1 Análise da carta..... | 34 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 36 |
| REFERÊNCIAS..... | 37 |

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o trabalho docente no Brasil enfrenta uma série de desafios cotidianos que envolvem a desvalorização da profissão, sendo que tal desvalorização é acarretada por fatores econômicos, sociais e outros. Entretanto, é preciso pensar no histórico da profissão e nas mudanças que ocorreram ao longo dos anos para entender os reais motivos que fizeram chegar no atual estágio de precarização que conhecemos hoje, pensando na perspectiva que envolve a presença de homens na docência. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo analisar criticamente a visão que se perpetua na sociedade sobre a profissão docente no Brasil, considerando, em especial, a realidade dos homens pedagogos, assim como analisar de forma aprofundada como a gestão escolar pode contribuir para a superação desse desafio enfrentado pelos pedagogos, investigando as estratégias adotadas pelos gestores e seu impacto na atuação profissional dos educadores .

Dessa forma, busca-se compreender tanto a construção social dessa percepção quanto os desafios estruturais enfrentados pelos homens que atuam nas escolas, analisando os estereótipos e as barreiras que influenciam sua presença e atuação no campo educacional. Para isso, foi realizada uma pesquisa empírica de base qualitativa, além de uma pesquisa bibliográfica, a fim de relacionar a literatura com a pesquisa de campo que foi realizada.

Este artigo propõe resgatar alguns fatos históricos a respeito da pedagogia no Brasil, trazendo à tona conteúdos desde a época do seu surgimento em nosso país, que aconteceu com os ensinamentos que eram passados dos jesuítas para os filhos das elites. Tais ensinamentos eram realizados de homens para homens. Posteriormente, a profissão afasta-se de suas origens aristocráticas, tomando um rumo completamente diferente daquele em que começou.

Ademais, o presente artigo discorre sobre a precarização do trabalho docente feminino, revelando as principais motivações para tal feito. Assim, será realizada uma análise de alguns motivos que operam para a profissão docente ser tão precarizada, além do impacto dessa precarização na vida dos profissionais da educação. Além desses aspectos, será analisado como a precarização do trabalho docente feminino impacta no trabalho que é realizado dentro das escolas.

O trabalho, ainda, busca evidenciar a importância da gestão escolar no combate às estereotípias associadas ao trabalho docente, especialmente aquelas que afetam os profissionais do gênero masculino. A gestão escolar é o vínculo mais forte que liga a escola aos familiares dos alunos, evidenciando, assim, a importância de a equipe gestora assumir e manter uma postura que busque diminuir os impactos do preconceito da sociedade com os homens na pedagogia, contribuindo para um ambiente escolar mais inclusivo.

Além disso, este trabalho inclui uma reflexão pessoal e individual sobre a minha trajetória na profissão docente. Essa reflexão não se limita a uma análise das minhas experiências como homem na área da pedagogia, mas também serve como a justificativa para a elaboração deste estudo. Ao compartilhar minhas vivências ao longo da minha formação acadêmica e prática profissional, busco evidenciar os desafios enfrentados durante a graduação, que foram, em grande parte, a principal motivação para escrever este trabalho. Cada obstáculo superado e cada aprendizagem adquirida ao longo dessa jornada contribuíram significativamente para a escolha do tema e para a necessidade de aprofundar a discussão sobre as questões que envolvem a profissão docente no Brasil. Assim, minha experiência pessoal se entrelaça com a análise mais ampla das dificuldades estruturais e históricas da profissão, tornando o trabalho não apenas uma investigação acadêmica, mas também um testemunho de um percurso repleto de desafios e superações.

Ademais, é preciso enfatizar que, neste trabalho, iremos nos ater ao termo gênero para referenciar aos profissionais masculinos e femininos da área da educação, pois o termo sexo possuiu um viés biológico, enquanto o termo gênero enfatiza a construção social desses sujeitos. Sobre isso, Louro (2000) afirma que:

Estudiosas e estudiosos feministas têm empregado o conceito de gênero para se referir ao caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo; assim sendo, as identidades de gênero remetem-nos às várias formas de viver a masculinidade ou a feminilidade. (Louro, 2000, p. 63)

Percebe-se, então, que o termo gênero e sexo possuem dimensões articuladas, mas se diferem quando entendemos o caráter social das identidades de gênero. Assim, nesta pesquisa, iremos nos ater ao termo gênero, por se tratar de um

trabalho que está centrado na visão que a sociedade possui acerca de homens e mulheres dentro da profissão docente.

O trabalho está dividido da seguinte forma: inicialmente, esta introdução, onde eu apresento a problemática que será trabalhada ao longo do texto, assim como mostro os objetivos que busco alcançar com o trabalho. A seguir, temos a metodologia, onde eu falo sobre os tipos de pesquisa que compõem o trabalho, assim como detalho a forma como se deram essas pesquisas. Na sequência, trago o referencial teórico, onde são apresentadas as ideias dos autores referentes ao tema do trabalho, com uma subdivisão em tópicos específicos para falar sobre pontos importantes. No tópico resultados e discussão, analisamos de forma crítica a entrevista que foi realizada com os pedagogos, além de debater a carta elaborada pela gestão de uma escola privada de Brasília. Por fim, as considerações finais, onde é feita uma reflexão sobre o percurso do trabalho.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho busca compreender a visão estereotipada que a sociedade possui acerca do homem na docência, assim como a importância da gestão escolar no processo de desmistificação das ideias que são reproduzidas. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica no Google Acadêmico. Sobre os objetivos de uma pesquisa bibliográfica, entende-se que “tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas” (Souza; Oliveira; Alves, 2021, p. 65). Assim, a pesquisa bibliográfica teve a finalidade de encontrar trabalhos que discorressem sobre a temática. Para isso, foram buscadas as expressões “o homem na pedagogia”, “feminização da profissão docente”, “desvalorização do trabalho docente” e “gênero e educação”. Por se tratar de um tema pouco discutido, há uma escassez de trabalhos sobre o assunto, assim, houve uma dificuldade em selecionar os trabalhos que seriam usados no decorrer do artigo.

O processo de seleção dos trabalhos acadêmicos levou em consideração alguns aspectos de nosso interesse, tais como: gestão escolar, histórico da pedagogia no Brasil, feminização da profissão docente e estereótipos sobre os homens na pedagogia. Tais aspectos foram considerados como parâmetros para a

escolha dos trabalhos acadêmicos que foram utilizados para constituir a bibliografia do presente artigo.

Além da pesquisa bibliográfica, o artigo conta com uma pesquisa empírica de cunho qualitativo, que, segundo Cardano (2017), tem como técnicas “a observação participante, a entrevista discursiva e o grupo focal, mas também [em] outras menos difundidas” (Cardano, 2017, p.17). Assim, a entrevista possui um caráter investigativo e exploratório, buscando significar a complexidade do tema trabalhado.

Dois pedagogos foram entrevistados de forma presencial, a fim de compreender as experiências que homens vivenciaram ao longo de sua trajetória na pedagogia. Foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo 10 perguntas abertas, que foram realizadas de forma presencial com os entrevistados, gerando uma possibilidade maior de conversação, além da possibilidade de fazer perguntas extras.

Os entrevistados são dois pedagogos que atuam em uma escola da rede privada de Brasília. Para manter a privacidade dos entrevistados, foram escolhidos dois nomes fictícios para ambos, sendo esses João e Pedro. João atua na escola há aproximadamente 4 anos, enquanto Pedro está há aproximadamente 5 anos atuando na escola. João e Pedro foram convidados a participar da pesquisa, por terem sido meus colegas de trabalho quando trabalhei na mesma escola que ambos. Assim, entrei em contato com os referidos, apresentei o tema da pesquisa e os convidei para participar, obtendo êxito no convite.

A escola na qual os entrevistados trabalham atende as quatro etapas da educação básica, sendo essas a educação infantil, ensino fundamental 1, ensino fundamental 2 e ensino médio. No entanto, mesmo a escola atendendo todos os níveis da educação básica, ambos entrevistados atuam no segmento da gestão escolar, assumindo o cargo de auxiliar de coordenação do ensino fundamental e médio.

As entrevistas foram analisadas por meio da análise de conteúdo, divididas em três categorias, cada uma analisada em um subtópico, sendo esses: Relação com os familiares, estereótipos impostos pela sociedade e o papel da gestão. Por análise de conteúdo entende-se que é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a

inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1997, p. 42)

Além disso, foi analisada, juntamente com a entrevista, uma carta elaborada pela diretora e coordenadora de uma escola de educação infantil da rede privada de Brasília. Tal carta foi escrita a partir do contexto de um embate que ocorreu entre a escola e os familiares de uma aluna, por conta da contratação de um profissional homem na educação infantil. Assim, o posicionamento adotado pela gestão sobre o assunto que foi trazido à tona pela família da aluna será analisado de forma crítica, relacionando com as referências bibliográficas apresentadas ao decorrer do trabalho. Para fins de privacidade, foi mantido em sigilo o nome das autoras da carta e o nome da escola, mas obtive permissão para analisar o conteúdo da carta. A análise da carta acontece no tópico de Resultados, dentro do subtópico “Papel da gestão”, em razão da relação entre o conteúdo da carta e o conteúdo apresentado no tópico.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Feminização da pedagogia

Historicamente, em várias sociedades, incluindo o Brasil, as opressões relacionadas ao gênero e ao trabalho atravessaram sobretudo as mulheres, tendo em vista que durante séculos as mulheres enfrentaram desafios para entrar, de forma qualificada, no mercado de trabalho. A profissão docente era exercida majoritariamente por homens, pois as mulheres tinham grande restrição de direitos e de acesso à vida pública. Sobre a ocupação dos homens na profissão docente, Louro (1997) nos diz que:

Em nosso país, como em vários outros, esse espaço foi, a princípio, marcadamente masculino. De um lado e de outro das carteiras circulavam meninos e homens: a escola foi, inicialmente, conduzida pelos mestres jesuítas e dirigida à formação dos meninos brancos da elite. Aos poucos a instituição viu-se obrigada a acolher outros grupos sociais: os meninos de outras origens e etnias e as meninas (Louro, 1997, p. 77).

Entende-se, assim, que o magistério no Brasil inicia-se com os jesuítas que dedicavam os ensinamentos aos filhos da elite, sendo que as mulheres não podiam participar como educandas e, muito menos, como educadoras.

De acordo com Vianna (2001), as mulheres passaram a ocupar a maior parte do magistério em meados dos anos 30, intensificando a presença feminina nos diversos níveis de educação e, conseqüentemente, diminuindo a presença masculina na área da educação, além de que as mulheres foram colocadas a ocuparem esses espaços a partir de uma visão de que a educação na escola é uma extensão da educação que vem de casa. A respeito disso, Vianna (2001) afirma que:

Desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral (Vianna, 2001, p. 85).

Diante disso, fica nítido que, conforme as mulheres vão adentrando no mercado de trabalho, ocupando cada vez mais os espaços da educação básica, os homens vão abandonando aos poucos esses postos de empregos, principalmente

aqueles referente aos anos iniciais da educação, contribuindo para o surgimento de uma visão na qual essa função de educar/cuidar de crianças é especialmente para as mulheres, ao passo em que os homens continuam ocupando cargos em outros níveis de educação não diretamente associados ao trabalho do cuidado.

Associado à crescente presença da figura feminina no magistério, surge a visão de que a mulher possui uma vocação para exercer tal trabalho. Como afirma Jesus (2009), as mulheres passam a ser cotadas para exercer tal função, pois estariam estendendo o trabalho desenvolvido em casa para as escolas, impondo que as mulheres possuem uma tendência natural para exercer a função com mais eficiência que os homens, tema que será aprofundado no próximo tópico.

Cabe ressaltar que, mesmo com a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, os afazeres domésticos não foram compartilhados com seus parceiros. Como afirma Jesus (2009), as mulheres passam a assumir uma jornada dupla de trabalho, pois precisam conciliar o trabalho doméstico com o cargo que assumem fora de casa, acarretando uma precarização e exaustão do trabalho feminino. A autora afirma que:

Historicamente, pode-se dizer que, com o advento da burguesia, surge uma nova mentalidade, modificando e redefinindo o cotidiano. Dessa maneira, a mulher passa a conciliar mais de uma função, articulando os afazeres domésticos e o trabalho fora de casa. E, no decorrer do século XX, principalmente, entra em uma dinâmica de dupla jornada (Jesus, 2009, p. 68).

A partir dessa afirmação, entende-se como a mulher passa a assumir uma jornada dupla de trabalho, levando em consideração que o trabalho doméstico não é compartilhado com os homens da casa, ao passo que a mulher é inserida no mercado de trabalho. Isso porque o trabalho doméstico é pautado como feminino, logo, as professoras precisam assumir a sua função no mercado de trabalho sem ter as tarefas de casa divididas com seus parceiros. Dessa forma, as mulheres professoras que assumem a função de educadoras e, ao mesmo tempo, donas de casa, ficam sobrecarregadas por lidarem com cargas excessivas de trabalho, tanto no ambiente externo, quanto nas tarefas de casa. Esses fatores contribuem para altos níveis de estresse e esgotamento entre as profissionais da educação, fatores esses que, além de impactarem negativamente na qualidade do ensino oferecido aos estudantes, impactam na saúde mental dessas profissionais, acarretando um

esgotamento mental que pode motivar um abandono da profissão por conta de toda essa precarização relacionada ao trabalho docente feminino.

Ademais, é preciso discutir sobre a ascensão de cargos dentro da área educacional. Monteiro e Altmann (2021) realizaram uma pesquisa para entender como a diferença de gênero influencia na ascensão da carreira docente. Os autores perceberam que os homens costumam elevar de cargo mais rápido e com menos tempo de experiência do que as mulheres, sendo que as mulheres costumam assumir algum cargo dentro da gestão a partir de concurso público, enquanto os homens assumem cargos de liderança, dentro do contexto educacional, a partir de indicações. Monteiro e Altmann afirmam que:

Enquanto a maioria dos diretores vivenciou outras experiências na gestão antes do ingresso no cargo atual, com uma exceção, mais da metade das diretoras entrevistadas (quatro casos) iniciou a experiência como especialista após aprovação no concurso público para o cargo que ocupa atualmente, como no caso de Manuela, que viveu sua primeira experiência na gestão no cargo atual – ingressou aos 36 anos, após 14 anos de experiência no magistério (Monteiro; Altmann, 2021, p. 18).

Percebe-se, então, que os homens têm maior facilidade para assumir os cargos de liderança dentro das escolas, levando em consideração que vivemos em uma sociedade que atribui aos homens maior facilidade para desempenhar tal papel. Assim, mesmo que a docência seja vista como uma profissão feminina, os homens ocupam os cargos de maior prestígio e maiores salários, enquanto as mulheres ficam responsáveis por assumir os cargos de professoras dentro das salas de aulas, sendo que o cargo de professora é desvalorizado socialmente.

Dessa forma, fica implícito que a profissão docente foi marcada por um processo de transformação de identidade, que se deu através do acolhimento de outros grupos sociais nas instituições educacionais, marcando, assim, o início da presença feminina nos espaços educacionais.

3.2 Educar e cuidar, trabalho feminino?

Ficou perceptível o quanto a profissão docente vai sendo cada vez mais desvalorizada, uma vez que passa a ser vista como um trabalho complementar ao que é realizado em casa, sendo essa uma visão que perpetua até os dias atuais,

não levando em consideração que a profissão docente consiste em um campo profissional e de estudo.

Sobre isso, Hypolito (1997) fala como as mulheres foram cotadas para a profissão docente por carregarem consigo um suposto instinto materno, fazendo com que o trabalho fosse visto como mais fácil para elas, pois era um trabalho associado ao que as mulheres mães desenvolviam. Além disso, ainda havia uma relação entre a execução do trabalho doméstico e o trabalho docente que influenciou muito para a ocupação das mulheres na função, afirmando Hypolito que:

A compatibilidade de horários entre o exercício do trabalho doméstico e o magistério é uma das razões, frequentemente encontradas, que facilitaram o ingresso da mulher nessa profissão. Pelo fato de ser um trabalho possível de se realizar em um turno único as professoras poderiam, além de lecionar, continuar executando tarefas do lar, “próprias” do gênero feminino, cumprindo o papel de mãe, esposa e dona-de-casa (Hypolito, 1997, p. 74).

Dessa forma, há uma precarização muito grande do trabalho docente feminino, que se dá a partir da desvalorização da profissão docente. Portanto, essa desvalorização é um problema significativo que afeta não apenas as professoras, mas também todo o sistema educacional. Frequentemente, as professoras enfrentam baixos salários, condições de trabalho desafiadoras, falta de reconhecimento pelo seu papel fundamental na sociedade e uma carga excessiva de responsabilidades.

A visão de que as mulheres dispõem de uma predisposição para educar/cuidar das crianças continua sendo reproduzida na sociedade e sendo usada como justificativa para defender o fenômeno que é o quadro de professores de instituições educacionais na educação básica composto majoritariamente por mulheres. No entanto, é preciso pensar na relação que interliga a profissão docente e o trabalho do cuidado de forma mais crítica, para que não caiamos no senso comum de achar que os profissionais da educação que atuam nos anos iniciais são babás.

A relação entre a docência e o trabalho do cuidar está interligada pelo fato de ambos envolverem a atenção e dedicação ao desenvolvimento humano. Logo, ao passo em que a docência se concentra no ensino e na orientação acadêmica, o cuidar abrange a preocupação com o bem-estar físico, emocional e social dos indivíduos. Ambos os papéis exigem empatia, paciência e habilidades de

comunicação para cultivar um ambiente propício ao aprendizado e ao crescimento pessoal. Os professores, além de transmitirem conhecimento, também desempenham um papel importante no apoio ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Diante disso, fica claro que há uma visão do senso comum que deturpa a relação entre a docência e o cuidar, tendo em vista que não enxergam a profissão docente para além do cuidar, sendo esse o maior fator responsável pela desvalorização da profissão, pois, a partir dessa visão, não seria preciso estudar para atuar nessa área, basta você ser mulher que já estará preparada para ser professora. Assim, uma visão que surge junto com o ingresso das mulheres na profissão docente há décadas atrás, reforça um estereótipo que assombra os homens que decidem seguir a carreira docente nos anos iniciais.

3.3 A presença de homens na educação Brasileira

De acordo com as informações trazidas nos tópicos acima, entende-se que a pedagogia está associada ao trabalho do cuidado, relacionando a afetividade ao feminino. Dessa forma, os homens são vistos de forma preconceituosa ao decidirem seguir a carreira docente, por serem vistos como seres de menor afetividade em relação às mulheres. Tais visões impactam de forma negativa na carreira dos pedagogos, tendo em vista que, por serem vistos como incapazes de exercer o cuidado, são vistos como profissionais desqualificados para assumirem a docência. A partir disso, justifica-se a visão que ainda se perpetua na sociedade atualmente e que afeta de forma negativa os homens que optam por seguir a profissão docente nos anos iniciais.

As questões relacionadas a gênero e trabalho envolvendo os homens não era uma área de muito interesse para as pesquisas acadêmicas, talvez pelo fato de os homens sempre terem ocupado os melhores postos de trabalho, os cargos mais altos e possuírem os melhores salários. Sobre a falta de pesquisas acerca das masculinidades, Gonçalves (2009) afirma que “na atualidade é possível ser encontrado um vasto material sobre feminilidade, enquanto que, sobre a masculinidade, quase não se têm produções científicas” (Gonçalves, 2009, pág. 43).

A falta de pesquisas referentes à masculinidade abrange a área da educação. No entanto, a partir do ingresso massivo das mulheres no mercado de trabalho, ocupando postos que passam a ser estereotipicamente femininos, surge a necessidade de discutir esse fenômeno da generificação de profissões.

Há uma visão que se perpetua na sociedade de que a afetividade do homem é acompanhada de um possível perigo sexual às crianças, tendo em vista que a imagem do homem é comumente associada a questões de assédio sexual. Além disso, os docentes costumam ter sua sexualidade em evidência, pois há uma predominância do senso comum de que homens pedagogos são homossexuais. Sobre isso, Cardoso (2004) percebeu, em sua pesquisa, como a sexualidade de um dos professores entrevistados permanecia como alvo de comentários entre as professoras da escola. Percebe-se, então, que uma sociedade que está acostumada com a presença exagerada de mulheres em uma profissão, tende a enxergar a identidade de homens que fazem parte da profissão, de forma estereotipada.

Quando se trata da problemática do homem na profissão docente, faz-se necessário destrinchar alguns conceitos, a fim de não transparecer uma ideia errônea de que o homem está sofrendo um tipo de preconceito reverso. Dessa forma, o conceito mais cabível para se utilizar neste trabalho é o de sexismo. Sexismo pode ser definido como um conjunto de atitudes, crenças e práticas que discriminam ou privilegiam indivíduos com base no seu gênero. Comumente, o gênero que goza dos maiores privilégios são os homens, que, historicamente, vivem em uma situação de vantagem em detrimento das mulheres, levando em consideração o contexto de sociedade patriarcal no qual estamos inseridos. Sobre isso, Follador (2009) afirma que:

Ratificando as proposições de Souza acreditamos que poderes absolutos eram destinados ao homem, chefe e senhor da família na sociedade patriarcal brasileira, enquanto que às mulheres era destinada a obrigatoriedade da reclusão ao lar, com sua vida doméstica junto da criadagem escrava (Follador, 2009, p. 8)

Entretanto, este fenômeno não se restringe apenas à discriminação contra mulheres, mas também pode afetar homens de diversas maneiras, embora de formas distintas e frequentemente menos visíveis. A respeito dos estereótipos que cercam homens e mulheres, Oliveira, Boas e Heras afirmam que:

Os estereótipos são um conjunto de crenças estruturadas sobre as características dos membros de um determinado grupo. E os

estereótipos de gênero definem-se como o conjunto de crenças sobre o que significa ser mulher ou homem incluindo informação sobre a aparência física, atitudes e interesses, traços psicológicos, relações sociais e atividades profissionais (Oliveira; Boas; Heras, 2016, p. 25).

Levando em consideração que o sexismo reforça normas e expectativas rígidas de masculinidade, os homens tendem a sofrer uma pressão muito grande, pois são cobrados a manterem comportamentos que são prejudiciais à saúde física e mental. Por exemplo, a pressão para ser emocionalmente distante pode levar a problemas de saúde mental, como a negação de emoções e o aumento do estresse psicológico. Assim, é fato que a discriminação contra os homens existe, podendo ser observada de forma explícita a partir da presença de figuras masculinas no quadro de professores de instituições educacionais. Logo, o preconceito com os homens na pedagogia se dá a partir de uma visão de que a profissão docente é uma profissão feminina, por seus dons naturais, o que acaba por precarizar o trabalho daquelas que atuam na área, assim como de dificultar a inserção e permanência daqueles que decidiram seguir tal carreira.

A questão que envolve a presença e atuação dos homens na docência foi abordada por Sayão (2005), que trouxe à tona diversas reflexões sobre as problemáticas que atravessam o trabalho docente exercido por homens, especialmente no contexto da educação infantil. Em seu estudo, a autora levanta uma série de questionamentos acerca das noções de masculinidade e feminilidade dentro do ambiente escolar, propondo uma análise crítica sobre como essas identidades de gênero se manifestam no exercício da docência.

Além disso, ela explora a inter-relação entre as atividades de cuidar e educar, refletindo sobre como essas funções são frequentemente vistas como indissociáveis, particularmente quando se trata do trabalho pedagógico com crianças pequenas. Sayão (2005) destaca que, nesse contexto, existe uma expectativa social de que o cuidar e o educar sejam atribuídos primordialmente às mulheres, o que pode gerar desconforto e resistência quando homens assumem esses papéis. A autora propõe uma reflexão sobre as possibilidades e os desafios que surgem quando a atuação docente masculina se cruza com a visão tradicional sobre os cuidados e a educação das crianças pequenas.

Ao passo em que Sayão nos mostra sobre tal estranheza acerca da presença de profissionais masculinos dentro das escolas, Jesus (2009) reforça a ideia da autora quando enfatiza que as mulheres são cotadas para o trabalho docente por

serem vistas como seres de maior afetividade, como se estivessem mais aptas a cuidar de crianças do que os homens.

Entretanto, mesmo que as mulheres passem a ocupar majoritariamente a docência no Brasil e que os homens não sejam cotados para tal profissão, não se pode generalizar ao ponto de imaginar que não existam mais homens que queiram seguir a carreira de professor. Sobre isso, Rabelo (2010) fala sobre a escolha profissional dos homens pela pedagogia, enfatizando os principais motivos pelos quais os homens optam por seguir a carreira docente, mesmo com tantos desafios. Sobre a escolha dos homens pela pedagogia, a autora afirma que:

tiveram uma maior motivação por fatores “intrínsecos” à profissão (como gosto pela profissão, por ensinar, por querer mudar o mundo, por gostar de crianças, entre outras), o que contraria algumas referências acadêmicas sobre o assunto, assim como as representações que circulam na sociedade de que os homens não gostam e não têm aptidão para lidar com crianças (Rabelo, 2010, p.165).

A partir da afirmação da autora, percebe-se que a escolha profissional de homens pela docência pode ocorrer por diferentes motivos, inclusive o gosto que esses possuem pela profissão. Assim, não se pode dizer que as mulheres têm mais capacidade para lidar com crianças do que os homens, pois é preciso enxergar a pedagogia como um campo de conhecimento e estudo, onde qualquer pessoa pode se qualificar para exercer a profissão.

3.4 A Gestão escolar

Diante do que foi exposto, pode-se perceber que a profissão docente no Brasil é vista como uma profissão feminina, onde os cargos de docentes são ocupados majoritariamente por mulheres. Assim, é preciso pensar em como podemos caminhar para um futuro onde a sociedade deixe de associar a docência ao trabalho feminino. A gestão escolar tem um papel fundamental nesse processo de dissociar a profissão docente ao trabalho da mulher.

Quando falamos de gestão escolar, entendemos que é uma área educacional que possui suas especificidades. Sobre isso, Luck (2009) nos mostra que o trabalho da gestão escolar está centrada na gestão de pessoas, gestão pedagógica, gestão

administrativas, entre outras especificidades. Sobre as competências que um diretor escolar deve exercer ao realizar a gestão de pessoas, Luck afirma que o mesmo:

Promove a gestão de pessoas na escola e a organização de seu trabalho coletivo, focalizada na promoção dos objetivos de formação e aprendizagem dos alunos. Promove a prática de bom relacionamento interpessoal e comunicação entre todas as pessoas da escola, estabelecendo canais de comunicação positivos na comunidade escolar. Auxilia na interpretação de significados das comunicações praticadas na comunidade escolar, fazendo-as convergir para os objetivos educacionais (Luck, 2009, p. 81).

Percebe-se que o diretor tem um trabalho fundamental que impacta na atuação e relação interpessoal dos profissionais que atuam dentro das escolas. Além disso, é preciso pensar que o diretor está atuando para garantir um ensino de qualidade para os alunos. Luck (2009) enfatiza que o que promove um ensino de qualidade são as pessoas que estão trabalhando no ambiente, não a parte concreta que compõem a escola. Assim, é de suma importância que o ambiente escolar promova o contato dos estudantes com a diversidade que existe em nosso país. A respeito disso, Luck (2009) afirma que o gestor, além de possuir outras competências:

Promove na escola o sentido de unidade e garante padrões elevados de ensino, orientado por princípios e diretrizes inclusivos, de equidade e respeito à diversidade, de modo que todos os alunos tenham sucesso escolar e se desenvolvam o mais plenamente possível (Luck, 2009, p. 15).

Diante disso, fica nítido que é dever da escola promover o contato dos alunos com a diversidade cultural, como forma de cumprir com o objetivo de que os alunos obtenham sucesso escolar em todos os aspectos. Pensando nessa promoção da diversidade dentro das escolas, enfatiza-se a ideia de que é preciso ter mais homens atuando como educadores dentro das salas de aula. O contato das crianças com professores homens desde o início da educação básica servirá como inspiração para aqueles que possuem um desejo de seguir a profissão docente, assim como servirá para caminharmos para um futuro onde as pessoas não associam as profissões a gêneros.

Sayão (2005) em seu trabalho traz o relato de um professor que exemplifica exatamente o que um gestor não deve fazer. Como citado acima, Luck (2009) enfatiza as competências de um gestor para que o mesmo realize um bom trabalho, a fim de promover uma educação de qualidade para os estudantes. Em

contrapartida, Sayão (2005) relata um embate entre um docente e uma diretora que era contra sua permanência na escola.

No entanto, o professor João, em sua entrevista, esclareceu que as poucas mães que demonstravam desconfiança e que tentavam impedir que ele trocasse as fraldas ou desse banho nas crianças, eram estimuladas pela diretora que declarava ser radicalmente contra seu ingresso na creche tendo designado-o para o maternal onde estavam as crianças bem pequenas, exatamente para que ele desistisse e retornasse para a Secretaria de Educação (Sayão, 2005, p.188)

A partir desse relato, percebe-se como a postura que a gestão adota referente à presença de um profissional do gênero masculino impacta na visão que os familiares e responsáveis terão acerca do profissional. Portanto, é imprescindível que os diretores estejam cientes sobre o seu dever no combate às visões estereotipadas de homens professores, assim como a importância do seu posicionamento no trabalho que um professor realizará com os estudantes, a fim de promover um ensino de qualidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Relação com os familiares

As entrevistas realizadas destacam como os familiares possuem um grande poder quando se trata de escolas privadas. Isso fica evidenciado na fala de João quando este diz que “a escola leva muito em consideração as reclamações e questionamentos dos familiares”. De fato, quando falamos de empresas, é preciso considerar que cada empresa busca agradar o seu público, devido a isso as escolas privadas tendem a buscar sempre agradar os familiares dos alunos. Como dito anteriormente neste trabalho, a presença de um profissional do sexo masculino ocupando um cargo tipicamente feminino, causa estranheza e desconforto para a sociedade. Nesse sentido, é comum que as famílias expressem o seus desejos em não terem um homem como professor de suas crianças.

Na entrevista, João relatou possuir o desejo de trabalhar na educação infantil e, ao ser questionado sobre o porquê de não realizar tal desejo, o entrevistado disse

que a escola em que trabalha não permite que ele trabalhe no segmento da educação infantil. João afirma: “acredito que seja por conta do preconceito das famílias dos estudantes e que, a partir disso, a escola prefere não me colocar para atuar em tal área”. Em contrapartida, Pedro relatou não possuir interesse em atuar em outra área dentro da escola, se mostrando satisfeito no posto que atua dentro da gestão escolar. O relato de Pedro vai de acordo com o que Rabelo (2010) fala sobre a escolha dos homens pela docência, afirmando que existem homens que vão optar pela docência e por lecionar, enquanto existem mulheres que irão optar por seguir outra carreira. Nesse sentido, existem homens que irão optar por atuar em outra área dentro da educação e estarão satisfeitos com sua escolha, como é o caso de Pedro. Assim, o que é preciso enfatizar é a liberdade de escolha que os profissionais precisam ter para decidir o rumo da sua carreira profissional.

Ademais, o relato de João exemplifica bem a relação que a escola possui com os familiares, pois, ao colocar um homem na educação infantil, possivelmente iriam surgir reclamações dos familiares e até ameaças de retirar as crianças da escola.

De acordo com Sayão (2005), entende-se que as especificidades do trabalho docente é, em grande medida, causador do estranhamento com os homens na docência, pois o trabalho realizado por um professor, principalmente com crianças pequenas, envolve o cuidado e o afeto, além da escuta ativa e a promoção do desenvolvimento de competências que são fundamentais para a vida social e emocional das crianças. Dessa forma, o afeto e o cuidado é a parte do trabalho que costuma preocupar os familiares dos alunos, o que os leva a recorrer à gestão da escola com o argumento de que não querem professores homens ensinando seus filhos.

Retornando ao que foi dito no início deste tópico, estamos tratando de uma escola privada, que se configura como uma empresa. Pensando a partir dessa perspectiva, não é vantajoso para a empresa perder seus clientes para satisfazer o desejo de um funcionário. Sendo assim, a possibilidade de João trabalhar na sua área de interesse na escola em que trabalha atualmente é bastante baixa.

4.2 Estereótipos impostos pela sociedade

Outro ponto importante percebido durante as entrevistas diz respeito aos estereótipos impostos pela sociedade sobre os homens que optaram por seguir a carreira docente nos anos iniciais. Pode-se notar, através das falas dos entrevistados, o quanto esses estereótipos marcantes acarretam uma enorme desmotivação na carreira dos pedagogos, fazendo com que tais profissionais cogitem comumente a troca de profissão.

Durante a entrevista, chamou a atenção o quanto a questão salarial é um ponto muito importante quando estamos falando da desvalorização da profissão docente. São muitos os fatores que estão relacionados a desvalorização da profissão, mas não é objetivo do trabalho elencar todos eles. Assim, foi elaborada uma pergunta para entender o que aflige os homens pedagogos. Ao serem perguntados se já foram vítimas de falas desmotivantes por serem homens na pedagogia, João relatou que “já escutei várias vezes que, se eu não passasse em um concurso público, eu não iria ter dinheiro”, enquanto Pedro disse: “muitas pessoas me disseram que eu não teria um retorno financeiro”. Portanto, fica nítido que os baixos salários são um dos principais fatores desmotivantes para os professores, tendo em vista que, ser mal remunerado e exercer um trabalho exaustivo, não é nem um pouco interessante.

Em razão dessa má remuneração citada pelos entrevistados, muitos profissionais da educação possuem jornadas duplas, para conseguir uma renda considerável. No entanto, tal ação impacta diretamente no ensino ofertado por esses professores, pois os mesmos chegam a um nível de exaustão tão grande que não são capazes de proporcionar um ensino de qualidade para seus alunos (Lucyk, Graupmann; 2017; p. 25).

Pensando nessa questão, foi perguntado aos entrevistados sobre a possibilidade de desistência da profissão, a fim de entender se realmente há esse desejo entre os profissionais da educação. Quando perguntados se já pensaram em desistir da profissão docente, João afirmou que “já pensei em desistir da profissão, por se tratar de um trabalho muito cansativo e pouco valorizado pelas pessoas”. Na mesma linha de pensamento, Pedro afirmou que já pensou em desistir da profissão também e explicou que o motivo é: “por se tratar de uma profissão exaustiva e pouco remunerada”.

Ademais, a desvalorização em relação às baixas remunerações não são os únicos aspectos mencionados pelos entrevistados como fatores desmotivantes para ambos. Além dos baixos salários, para os homens que atuam na pedagogia, ainda há um estereótipo que perpetua na sociedade acerca da profissão docente, sendo esse de que o magistério é uma profissão para as mulheres. A respeito disso, os entrevistados foram questionados sobre o que mais escutaram das pessoas ao contarem que são pedagogos. Assim, João contou: “durante minha trajetória na profissão, escutei muito que pedagogia era um trabalho de mulher.” Enquanto isso, Pedro afirmou: “escutei muitos comentários homofóbicos”.

O relato dos entrevistados evidencia a situação que a maior parte dos homens na pedagogia enfrentam ao longo de sua carreira. Escutar que a pedagogia é trabalho de mulher se tornou algo muito comum, em função da feminização da profissão. Portanto, os pedagogos estão acostumados com tal afirmação. No entanto, não contentes em reproduzir uma ideia de que a pedagogia é um trabalho feminino, a sociedade impõe um estereótipo nos homens que decidiram seguir a carreira docente, tendo esses homens como homossexuais. A respeito disso, Gonçalves (2009) resgata em seu trabalho a ideia de profissões masculinas e femininas, onde homens e mulheres são influenciados pela sociedade a escolherem carreiras que são próprias para o seu gênero. Além disso, a mesma autora cita que alguns estudiosos chegaram a pesquisar sobre homens que escolhem cursos tipicamente femininos e mulheres que escolhem cursos tipicamente masculino. Tal afirmação dá a entender que os cursos masculinos são escolhidos por homens e mulheres que possuem a masculinidade mais afluada, enquanto os cursos femininos são escolhidos por homens e mulheres com a feminilidade mais afluada. Essa ideia trazida por Gonçalves (2009) em seu trabalho ressalta aquilo que os entrevistados relataram, de que escutaram que a pedagogia é trabalho de mulher, além dos comentários homofóbicos. Portanto, percebe-se que a sociedade possui uma visão muito estereotipada dos homens que são pedagogos, entendendo que, por exercerem uma profissão feminina, devem ter a feminilidade mais afluada.

A partir dessa visão, de que o homem que faz pedagogia só pode ser homossexual, surgem os comentários homofóbicos, relatados por Pedro durante a entrevista, que atuam como mais um fator desmotivante para os profissionais da educação.

Diante do que foi dito, é preciso enfatizar que estamos pesquisando sobre sujeitos que possuem suas individualidades. Assim, vale ressaltar que cada pessoa vai ter afinidade com alguma área específica dentro da profissão que escolheu, não estando, necessariamente, associada a sua personalidade. Posto isso, o que precisamos pensar é no poder de escolha do profissional de decidir a área que lhe desperta maior interesse.

4.3 Papel da gestão

Para finalizar a análise das entrevistas, entramos no último tópico, que também foi a última questão a ser conversada com os entrevistados. A gestão desenvolve um trabalho que é necessário para um bom funcionamento de uma escola, seja ela pública ou privada. Assim, o trabalho que toda a equipe gestora realiza precisa ser comprometido, para conseguir manter um padrão de qualidade na escola. Como equipe gestora, nos referimos ao Diretor, Vice-Diretor e Coordenador. Assim, quando falo sobre a equipe gestora exercer um trabalho de qualidade, me embaso naquilo que Silva (2015) destaca quando diz que a formação do diretor está atrelada ao desempenho de seu trabalho como gestor, pois a gestão de uma escola envolve diversos aspectos, como a gestão de pessoas, gestão administrativa, gestão do cotidiano escolar e mais alguns outros. Portanto, é imprescindível que um bom gestor esteja em constante formação, para que seja possível exercer um bom papel de diretor. Dessa forma, para entendermos sobre a problemática que envolve o homem na pedagogia, é preciso discutir sobre a importância do papel da gestão nesse debate.

Levando em consideração o aspecto mencionado, foi elaborada uma pergunta feita aos entrevistados no final da entrevista. A pergunta se remetia ao que os entrevistados achavam que seria o papel da gestão para avançarmos enquanto sociedade no debate sobre o homem na pedagogia. Assim, João respondeu que “a gestão escolar deve reforçar a presença de profissionais masculinos dentro das escolas, a fim de combater os estereótipos que estão atrelados aos pedagogos”. Enquanto isso, Pedro disse que “a gestão deve priorizar a contratação de profissionais homens, para servir de incentivo para outros e combater a visão que a sociedade possui acerca dos pedagogos”.

A partir das respostas dos entrevistados, ficou bem evidenciada a importância que a gestão tem quando pensamos em combater a ideia que se perpetua na sociedade, de que a pedagogia é trabalho de mulher e que os homens não podem trabalhar com crianças pequenas. Para cunho de pesquisa, aqui levaremos em consideração a equipe gestora de escola privada, tendo em vista que os entrevistados são funcionários de uma escola privada, além de que o poder que um gestor de uma escola particular possui não é o mesmo que o de um gestor de uma escola pública. Sendo assim, percebe-se que são muitas as competências e funções de um diretor escolar, para que este consiga exercer um trabalho de qualidade e entregar um bom funcionamento da escola. Dito isso, é de responsabilidade dos gestores perceberem a importância de promover a diversidade dentro das escolas, analisando o impacto de tal atitude na formação e no desenvolvimento de seus alunos, tendo em vista que o contato com a diversidade favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, além de preparar o aluno para que esteja apto a conviver com diferentes maneiras de viver e de pensar, desenvolvendo a aceitação e apreciação das diferenças.

Ficou bastante evidenciado, a partir da fala dos entrevistados, o poder que a gestão tem de proporcionar o contato com a diversidade dentro das escolas. Assim, quando falamos em diversidade, estamos falando de proporcionar aos alunos que interajam diariamente com pessoas de diferentes culturas, etnias, gêneros e outros. Logo, essa interação das crianças diversas entre si, assim como a interação das crianças com os diversos profissionais da educação, influenciará na forma como o desenvolvimento dessa criança vai acontecer.

Como já dito no início deste trabalho, estamos analisando as escolas privadas, que se configuram como empresas. Pensando nessa perspectiva, entendemos as barreiras que atravessam a execução do trabalho da gestão, pois uma de suas competências se dá no trabalho realizado com as famílias dos estudantes. Ficou nítido, no tópico que fala sobre a relação com os familiares, que é comum as famílias expressarem suas preferências e exigências. No entanto, o que não pode acontecer nas escolas é deixar o poder de decisão à mercê dos familiares dos alunos, como relatado por João, que disse não poder atuar no segmento que gostaria, pois a escola não quer ir contra o que os familiares exigem.

Por um lado, é compreensível que a escola se coloque em uma posição de ouvinte e leve em consideração as indagações dos familiares. Entretanto, a decisão tomada pela gestão escolar não deve acatar o posicionamento preconceituoso dos familiares, motivado pelo medo de perder seus clientes. Logo, é preciso que a gestão leve em consideração aquilo que vai proporcionar uma educação de qualidade para seus alunos.

4.3.1 Análise da carta

Pensando no papel da gestão, iremos analisar uma carta elaborada por uma escola de educação infantil da rede privada de Brasília, que presenciou um embate com os familiares de uma aluna, que se negavam a aceitar a presença de um profissional homem trabalhando na turma de sua filha. Os responsáveis pela aluna expressaram a sua opinião para a gestão da escola, solicitando a retirada do profissional da turma. No entanto, ao serem questionadas sobre tal assunto, a gestão da escola emitiu uma carta para todas as famílias da turma com o título “Como entendemos a presença de profissionais do sexo masculino no cuidado e educação das nossas crianças?”. Na elaboração da carta as autoras fizeram uso do termo sexo, mas, como dito anteriormente, o uso de tal termo possui um caráter biológico. Assim, enfatizo que o termo utilizado nesta pesquisa para se referir aos profissionais é o de gênero, por remeter aos variados tipos de masculinidades e feminilidades.

No decorrer da carta, são elencados 4 motivos pelos quais consideram importante a presença de profissionais do sexo masculino atuando na escola. O primeiro ponto citado na carta se refere a maneiras diferentes de conexão e comunicação entre as crianças e professores, saindo do tradicional. Assim, é citado na carta que a presença de profissionais do sexo masculino influencia para que as crianças consigam ter um desenvolvimento pleno, proporcionando o contato dessas com diferentes tipos de conexão, comunicação e sensibilidade. Fica nítido que a gestão da escola que emitiu a carta possui a competência que Luck (2009) traz em seu trabalho, quando diz que o diretor deve promover na escola o sentido de unidade, respeitando a diversidade, para que todos os alunos possam se desenvolver o mais plenamente possível.

Outro fator citado na carta se refere à formação profissional dos professores sem distinção de gênero, pois, assim como professores, profissionais de outras áreas são envolvidos nos cuidados das crianças sem tal discriminação. Fica perceptível que a gestão entende que a pedagogia é um campo de estudo, onde são formados profissionais aptos a atuarem na área independentemente do seu gênero. Enfatizando a afirmação, Rabelo (2010) afirma;

Ser necessário perceber que o magistério não é uma vocação ou um “chamado” feminino, pois esta é uma profissão que exige sólida formação pedagógica, esforço, dedicação, competência e espírito de classe, que precisa, também, de boas condições de trabalho e remuneração compatível. (Rabelo, 2010, pág. 167)

Ademais, é citado na carta como a presença de profissionais masculinos contribui para a quebra de estereótipos de gênero, mostrando que homens e mulheres são igualmente capazes e importantes na educação de crianças. Essa visão nos mostra que quanto mais educadores homens tivermos nas escolas, mais difundida será a ideia de que não existe profissão só para homens ou para mulheres, assim como é trazido por Gonçalves (2009) quando afirma que normalmente se espera que as mulheres escolham profissões voltadas para, entre outras, a área educacional. Enquanto os homens deveriam seguir alguma carreira voltada para as áreas da tecnologia ou das ciências exatas.

Por fim, a gestão da escola cita na carta que professores homens atuam como modelos de comportamentos positivos para as crianças, por oferecer uma variedade de perspectiva e abordagem para o ensino e cuidado.

Sendo assim, fica nítido que a presença de profissionais dos gênero masculino influencia no desenvolvimento das crianças e na forma como as mesmas passarão a enxergar o mundo, sendo que, tendo esse contato mais diverso desde cedo, essas crianças poderão crescer com uma visão mais diversa da sociedade, sem possuir pensamentos estereotipados acerca das masculinidades produzidos e disseminados pela sociedade na qual estamos inseridos. Para isso, é preciso que a gestão das escolas tenham ciência da sua importância nesse processo, estando preparados para assumir posicionamentos que busquem colaborar com esse trabalho que vai ser desenvolvido com os estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações apresentadas ao longo deste trabalho, ao associar os dados obtidos por meio da entrevista realizada com os dois pedagogos e confrontá-los com o referencial teórico encontrado sobre o tema em questão, percebe-se que o objetivo de analisar criticamente a visão que se perpetua na sociedade sobre a profissão docente no Brasil, considerando, em especial, a realidade dos homens pedagogos, assim como analisar de forma aprofundada como a gestão escolar pode contribuir para a superação desse desafio foi alcançado.

As entrevistas deixaram bastante evidentes falas e comportamentos que a sociedade apresenta em relação aos homens na docência, assim como a influência de tais atitudes na vida profissional dos educadores. Além disso, o objetivo de mostrar a importância da gestão escolar nesse processo de desmistificação da ideia do homem professor foi alcançado, ficando perceptível através das falas dos entrevistados, juntamente com a análise da carta. As análises e reflexões realizadas indicam que, ao integrar as experiências dos profissionais com o embasamento teórico, surgem alternativas e estratégias que podem ser eficazes na superação dos desafios apresentados.

Após a análise da carta emitida pela gestão de uma escola da rede privada de Brasília, pode-se perceber o papel fundamental que os diretores e donos de escolas possuem no combate à visão estereotipada sobre o trabalho docente. Ficou perceptível que, quando a gestão escolar acredita no trabalho de um profissional, a equipe consegue trabalhar de uma forma mais motivada, proporcionando um ensino de mais qualidade para os estudantes.

Sendo assim, é de suma importância que a gestão das escolas compreendam o papel fundamental que possuem na resolução do problema aqui apresentado. Seja diretor de escola pública ou privada, o poder que possuem para combater visões estereotipadas sobre o trabalho docente é quase o mesmo. Logo, é preciso que os gestores tenham um posicionamento firme a respeito da questão, não deixando que os familiares e responsáveis criem e repassem informações preconceituosas para outras famílias, disseminando, assim, estereótipos completamente baseadas no senso comum.

Portanto, um docente do gênero masculino precisa poder contar com todo o apoio da equipe gestora, para que consiga exercer um trabalho de qualidade, sem o medo da repressão por parte dos familiares ou de outros profissionais dentro da própria escola. Assim, conseguiremos caminhar para um futuro onde a sociedade irá diminuir cada vez mais a associação de certas profissões ao gênero.

Ademais, é fundamental refletir sobre a formação profissional dos indivíduos que atuam na gestão educacional. Faz-se essencial que os cursos de Pedagogia, ofertados nas diversas instituições de ensino superior, incluam em sua grade curricular a discussão sobre a presença de profissionais do gênero masculino nas escolas. Essa abordagem não deve se limitar apenas à inserção dos homens nas práticas pedagógicas, mas também deve abordar a relevância dessa presença para o desenvolvimento e a formação dos estudantes.

A presença dos profissionais masculinos nas instituições educacionais desempenha um papel importante na formação de uma visão mais equilibrada e plural sobre as diferentes perspectivas de gênero no ambiente escolar. Assim, incluir essa temática nos cursos de formação de pedagogos se torna imprescindível para a construção de uma educação mais inclusiva e representativa para todos os alunos, além de preparar aqueles que serão os futuros gestores das escolas. Dessa forma, os mesmos terão preparo para lidar com os embates que possivelmente possam acontecer.

Como dito no início deste trabalho, constatei uma falta de pesquisas que analisassem o assunto trabalhado no presente artigo. A falta de trabalhos acadêmicos sobre o assunto limitou o aprofundamento da pesquisa, dificultando a imersão na temática trabalhada. Sendo assim, é preciso que mais pesquisas acerca da temática apresentada sejam realizadas e publicadas, sobretudo em um contexto de escolas públicas, para que, futuramente, tenhamos mais embasamento teórico para analisarmos o problema que foi debatido ao decorrer deste estudo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, v. 70, p. 225, 1977.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação**. Tradução de Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, p. 225, 1977.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação**. Tradução de Elisabeth da Rosa Conill. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CARDOSO, Frederico Assis. **A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar?**. Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte. 2004.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental**. Revista Fato&Versões, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. / Josiane Peres Gonçalves — Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2009.

HYPÓLITO, A. L. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

Jesus, Adriana Regina de. **Gênero E Docência: Infantilização E Feminização Nas Representações Dos Discentes Do Curso De Pedagogia Da Universidade Estadual De Londrina**. São Paulo. 2009.

LOURO, G. L. **Gênero e magistério: identidade, história, representação**. In CATANI, D. B. et alii (Orgs.). *Docência, memória e gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade**. *Educação & Realidade*, v. 25, n. 2, p. 13-29, 2000.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. 1. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

LUCYK,V.P.K, GRAUPMANN,E.H. **Desvalorização do Trabalho Docente Brasileiro: Uma Reflexão de seus Aspectos Históricos**. *Perpectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas*, v.7, n.20, p.11-27, 2017.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. **Ascensão na carreira docente e diferenças de gênero**. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, 2021.

OLIVEIRA, Catarina Sales; BOAS, Susana Villas; HERAS, Soledad Las. **Estereótipos de gênero e sexismo em docentes do ensino superior**. *Rev. iberoam. educ. super*, Ciudad de México , v. 7, n. 19, p. 22-41, mayo 2016 .

RABELO, A. O. **"Eu gosto de ser professor e gosto de crianças" - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária**. *Revista Lusófona de Educação* [en linea]. 2010, (15), 163-173[fecha de Consulta 21 de Noviembre de 2024]. ISSN: 1645-7250. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34915599012>

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, Camila Godói da. **Dimensões da gestão escolar: saberes e prática do diretor de escola**. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. P. 64 a 107. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/9860>.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência**. *cadernos pagu* (17/18) 2001/02. p.81-103.